



DECIFRA-ME OU TE DEVORO

a excelência do objeto pela construção do argumento

João Paulo Pooli

RESUMO – *Decifra-me ou te devoro – a excelência do objeto pela construção do argumento.* O texto aborda a metodologia de pesquisa buscando tensionar o discurso a respeito da construção e elaboração do método. Define que o principal problema metodológico nas Ciências Sociais é tornar mais transparente estruturas complexas que se configuram como teias de relacionamento interdependentes. Ressalta que a busca de um método seguro para investigação científica mais tem causado problemas do que solucionado as questões por ele propostas, tornando muitas vezes imprecisa a própria definição do objeto. Conclui que, para encontrar o método adequado, é necessário primeiro uma construção argumentativa do objeto.

Palavras-chave: *metodologia, ciências sociais, educação pesquisa acadêmica.*

ABSTRACT – *Decipher me or you will be consumed – the excellence of the object through the construal of argumentation.* This article focuses on methodology of research and attempts to tension the discourse about the construction and elaboration of the method. It defines that the main methodological problem in the field of Social Sciences is to turn the complex structures that configure themselves as networks of interdependent relationship into more transparent ones. As a result, the search for a safe method for scientific investigation has caused more problems than has provided solutions to the issues raised by them. This can, many times, make the definition of the object an imprecise task. It concludes that, in order to find the most suitable method, it is necessary to perform a argumentative construal of the object.

Key-words: *methodology, social sciences, education, academic research.*

Tudo passou a caminhar um pouco melhor em minha vida de trabalho quando percebi que podia, que devia, levar duas vidas. Para exercer meu ofício de professor de filosofia das ciências, era preciso que continuasse a me instruir, a seguir as lições dos outros, de todos aqueles que estão no trabalho ativo da cidade científica. Mas tinha direito também a uma solidão, à minha solidão, a solidão do devaneio, a solidão dos meus devaneios. (Gaston Bachelard, Fragmentos de uma poética do fogo).

Este texto trata de metodologia de pesquisa e não pretende ser uma variação sobre um mesmo tema, isto é, não quer ser mais uma denúncia sobre a má metodologia, nem uma apologia sobre a boa metodologia. Pretende, isto sim, tensionar o discurso sobre a questão do *método*, nas pesquisas acadêmicas, e sua relação com concepções de ciência que possibilitem transformar a rigidez em rigor, nos processos de gestação dos trabalhos de dissertação e tese.

De maneira nenhuma essa reflexão é conclusiva e receituária, é sim um produto da minha/nossa trajetória coletiva no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e recheada de pretensos acertos e inevitáveis equívocos que fazem parte da caminhada de qualquer investigador social. A provocação do texto não é uma adesão simpática ou oportuna mas é, *bachelardianamente*, uma *vigilância hostil que recusa a sedução da primeira escolha*. Se, como diz a canção, *confessando bem/ todo mundo faz pecado/ logo assim que a missa termina*, é hora de procurar no pecado um pouco de conforto.

Quando Édipo ouviu a ordem: decifra-me ou te devoro, não imaginava que ela, depois de colocá-lo em cheque, ainda produziria efeitos nefastos sobre os pós-graduandos na academia no fim do século XX.

A grande diferença entre o desafio de Édipo e o dos pesquisadores das ciências ditas humanas é que a esfinge já lhe colocou uma questão a ser resolvida, cujo objeto, o problema, já estava previamente formulado, bastando ao “amigo da mamãe” resolver o enigma a partir do conhecimento empírico da natureza humana. O problema dos pesquisadores atuais, embora similar na sua essência, é de difícil solução, porque a esfinge que os questiona é a sociedade, e o problema proposto é o de como tornar mais transparente estruturas complexas que se configuram como teias de relacionamentos interdependentes em campos de possibilidades.

Os pesquisadores sociais enfrentam dificuldades que derivam, principalmente, da procura de uma metodologia adequada para dar conta, ou para confirmar suas suspeitas a respeito de determinado problema. Nosso entendimento sobre esses impasses é o de que eles são o resultado de uma falta de segurança na definição do problema da pesquisa.

O objeto deste texto é o de tentar dialogar sobre o assunto, enfrentando as contradições que ele contém sem procurar resolvê-las definitivamente, mas, sim, encontrar, na fecundidade das discussões, caminhos que considerem as tensões como integrantes do processo de construção da investigação e acreditando que,

sem elas, os estudos sobre a sociedade transformam-se numa “ignorância romântica que perde muito do seu encanto como permissão para todos os sonhos”.

Os manuais de metodologia

Nunca duvidei da verdade dos signos, Adso, são a única coisa de que dispõe o homem para se orientar no mundo. O que eu não compreendi foi a relação entre os signos. Cheguei a Jorge através de um esquema apocalíptico que parecia reger todos os crimes, contudo era causal. Cheguei a Jorge procurando um autor de todos os crimes e descobrimos que cada crime tinha no fundo um autor diferente, ou então nenhum. Cheguei a Jorge seguindo o designio de uma mente perversa e raciocinante, e não havia designio algum, ou seja, Jorge mesmo fora dominado pelo próprio designio inicial e depois se iniciara uma cadeia de causas, e de concausas, e de causas em contradição entre si, que procederam por conta própria, criando relações que não dependiam de qualquer designio. Onde está toda a minha sabedoria? Comportei-me como um obstinado, seguindo um simulacro de ordem, quando devia saber que não há uma ordem no universo.

Mas imaginando ordens erradas, haveis no entanto encontrado alguma coisa... Disseste uma coisa muito bonita, Adso, agradeço-te. A ordem que nossa mente imagina é como uma rede, ou uma escada, que se constrói para alcançar algo. Mas depois deve-se jogar a escada, porque se descobre que, mesmo servindo, era privada de sentido. (Umberto Eco, O Nome da Rosa)

A insistente busca de um método seguro na investigação científica mais tem causado problemas do que solucionado as questões que se colocam para os cientistas, principalmente àqueles não orientados por uma visão positivista de ciência. Essa orientação “culinária” tem resultado na busca cega de um método que dê conta das incertezas dos achados e da volatilidade das análises, quando em confronto com a multifacetada rede de relacionamentos que, constituem a nossa complexa sociedade.

O poeta português, José Régio, sabiamente recusou metodologias para construir caminhos que dessem um sentido a sua vida e, expressando-se de maneira contundente, deixou escrito que abria mão das coisas construídas, optando pela originalidade das circunstâncias. Através da sua poesia, Régio se negava a ser arrastado de modo cego e incontrolável por propostas prontas, protestando contra aqueles que lhe diziam:

Vem por aqui.

Dizem-me alguns com olhos doces estendendo-me os braços;

E seguros de que seria bom que eu os ouvisse quando me dizem

Vem por aqui.

Eu olho-os com olhos lassos

Há nos meus olhos ironias e cansaços e cruzo os braços e

*Nunca vou por ali.
 A minha glória e esta, criar desumanidade, não acompanhar ninguém.
 Que eu vivo mesmo sem vontade com que rasguei o ventre de minha mãe.
 Não, não vou por ali, só vou por onde me levam meus próprios passos.
 Se o que busco saber nenhum de vós responde, porque me repetis:
 Vem por aqui.
 Prefiro escorregar nos becos lamacentos, redemonhar os ventos como farra-
 pos arrastar os pés sangrentos a ir por ali.
 Se eu vim ao mundo foi só para deflorar florestas virgens,
 E desenhar meus próprios pés na areia inexplorada.
 O mais que eu faça não vale nada.
 Como pois sereis vós que me dareis machados, ferramentas e coragem para
 eu derrubar os meus obstáculos?
 Corre nas vossas veias o sangue velho dos avós, e vós amais o que é fácil.
 Eu amo o longe, a miragem, amo os abismos, as torrentes e os desertos.
 Ide, tentes estradas, tentes jardins, tentes canteiros, tentes párias, tentes tetos
 e tentes regras e tratados de filósofos e sábios.
 Eu tenho a minha loucura, levanto-a como um facho a arder na noite escura;
 E sinto espuma e sangue e cânticos nos lábios. Deus e o Diabo é que me
 guiam, mais ninguém.
 Todos tiveram pai, todos tiveram mãe, mas eu que nunca principio nem aca-
 bo, nasci do amor que há entre Deus e o Diabo.
 A que ninguém me dê piedosas intenções, não me peçam definições, ninguém
 me diga:
 Vem por aqui.
 A minha vida é um vendaval que se soltou, é uma onda que se alevantou, é um
 átomo a mais que se animou.
 Não sei por onde vou,
 Não sei prá onde vou,
 Sei que não vou por ali.*

Os manuais de metodologia científica parecem nos dizer sempre: vem por aqui. Com raras exceções, todos propõem a mesma receita, mudando talvez a ordem, a linguagem ou as definições. Misturam, freqüentemente, teoria da ciência e método de investigação com formas inteligíveis de apresentação de trabalhos. Os manuais geralmente são divididos em duas partes: uma que trata da razão, história e constituição das ciências, seguindo breve apresentação das teorias mais em moda; outra parte trata da apresentação de trabalhos científicos e padronagem do tipo datilográfico, referências bibliográficas, etc.

Geralmente separam o positivismo como um mal a ser evitado e enaltecem as virtudes do marxismo e de outros *ismos*. Fazem isto como se todo leitor estivesse plenamente em paz com essas teorias e, a partir disso, pudesse fazer uma escolha “racional” que o conduza a realizar seus propósitos de investigação. É aí que reside um sério problema. Quanto mais nos embrenhamos nesse mato, mais nos transformamos em reféns das artimanhas legitimadoras da ciência — como reveladora da verdade e do conhecimento puro. O positivismo

acadêmico, não obstante, execrado no discurso, reduz todo o vôo e toda a originalidade das pesquisas a uma pergunta: mas afinal qual é o método para chegar à comprovação das hipóteses? Pergunta simples de fazer, mas difícil de responder *a priori*. Começa, então, o desespero do pesquisador, e está garantido o estatuto científico da academia e a legitimidade do doutor.

Os manuais tratam de conceitos complexos como epistemologia, indutivismo, dedutivismo, dialética, formação de conceitos, juízos, raciocínio, objetividade, subjetividade, paradigmas, como quem lida com os mais óbvios, públicos e transparentes conceitos para os investigadores, mesmo sabendo-se que a distância que os separa é seguramente muito maior do que se imagina.

Entregam ao investigador todo rigor da crítica, na medida em que o deixam entregue à sua própria sorte. Se a divina providência o ajudar a ter uma banca de examinação que partilhe da sua escolha, tudo bem, senão, nosso pobre amigo, deve voltar para a “toca”, proteger suas hipóteses e “adequar” a metodologia a paradigmas “aceitáveis”. Em resumo, o rigor é pago com a hipocrisia uma vez que poucos realmente mudam de método, pois essa mudança significaria a dissolução do problema frente a novas escolhas teóricas (pressupondo, é claro, que tradicionalmente para uma dada teoria há uma metodologia de investigação satisfatória).

Nessa perspectiva, como é possível fazer ciência orientado por uma construção de argumentos que permitam ao investigador uma busca mais livre da procedência de suas teses, sem ser consumido pela rigidez do método, ou pela falta de rigor científico? Acreditamos que sim, que é possível construir um pensamento objetivo e criativo, sem cair em construções mecânicas, bem amarradas e insuportavelmente lógicas. A pesquisa social não é uma “sala confortável”, e é possível trabalhar sem estar em paz com seu objeto de trabalho, e essa deve ser a férrea necessidade das investigações sobre a organização dos homens e das mulheres.

No livro *El oficio de sociólogo* (Bourdieu et al., 1981), os autores consideram que: “*al colocar su epistemologia bajo del “por qué no? y la historia de la razón científica bajo el de la discontinuidad o, mejor de la ruptura continuada, Bachelard niega a la ciencia la seguridad del saber definitivo para recordarle que no puede progresar si no es cuestionando constantemente los principios mismos de sus propias construcciones”* (p. 44). O pesquisador, para poder libertar-se da metodologia “de quartel” e aspirar a fazer da produção de conhecimento algo útil à sociedade, necessariamente deve transitar pela dúvida, pelo sonho e pela necessidade visceral de uma utopia dessacralizada: nada aos deuses e tudo aos anjos.

Isso não significa que o subjetivismo deva tomar o lugar do objetivismo; há espaço para ambos transitarem, desde que o pesquisador consiga, ele mesmo, se situar como produtor e produto, não de circunstâncias estereis, mas, sim, de complexas estratégias de poder, sedução e dominação. É evidente que um mesmo *dado*, observado por pesquisadores diferentes, leva a conclusões pouco ou

muito diferenciadas, dependendo da formação, cultura, história e objetivos do sujeito. Ao contrário dos tradicionais positivistas, essa não é a falha do método, mas precisamente a sua originalidade, uma vez que, segundo Marx, o concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações e, portando, a unidade do diverso. E é dentro dessa diversidade que as sociedade se configuram não somente como vontades, mas também como *desvontades*, não são somente continuidades, como muitos ardorosamente professam e desejam, mas principalmente como descontinuidades que dependem, para serem compreendidas como tal, da interferência qualificada de interpretação e possibilidades de interpretação.

Edgar Morin (1984), quando concebe a investigação, enfatiza o caráter intersubjetivo da relação sujeito/objeto, encontrando o *rigor, não na rigidez, mas numa estratégia de adaptação permanente*. Qualquer objeto de pesquisa social é uma unidade complexa em permanente crise interna de estabilidade e instabilidade, que não permite a anulação subjetiva marcada pelas circunstâncias históricas que produzem os fatos. Dessa maneira, “*a investigação deve favorecer a emergência dos dados concretos e, a esse título, deve ser suficientemente flexível para recolher documentos em bruto*”, e principalmente deve “*apreender as diversas dimensões do fenômeno estudado e recorrer a diferentes tipos de abordagens*”, permitindo a correção e a “*verificação no desenvolvimento de um pensamento interpretativo*”.

O que nos dizem alguns autores

Na perspectiva de uma investigação que ‘não vá por ali’, alguns autores nos dão pistas que podem servir como pontes de acesso, para permitir que as possibilidades e contradições das investigações assumam um caráter permanente na trajetória do sujeito.

Gaston Bachelard (1981), falando sobre a noção de método científico, afirma que é necessário *conhecer o método para conhecer, para captar o projeto a conhecer* (p. 135). O processo de produção do conhecimento é um desvelamento do objeto, tornado transparente pela *trajetória* ou pelo percurso estabelecido na complexidade e clivagem do objeto. Isso necessita uma *solidariedade entre método e experiência* (p. 135), que não deve ser definido segundo um princípio anterior, mas, sim, ir-se constituindo pelas transformações que a aventura de reconstrução do objeto forem apresentando.

Bachelard afirma que “*um método científico é um método que procura o risco. Seguro da sua conquista, arrisca-se numa aquisição. A dúvida está à sua frente e não atrás como na vida cartesiana*”. Se estamos envolvidos com um *projeto a conhecer*, não parece sensato definirmos o caminho do encontro, já que, como disse o poeta, há tantos desencontros. “*O espírito científico vive na estranha esperança de que o próprio método venha a fracassar totalmente*.”

Porque um fracasso é o fato novo, a idéia nova” (p. 136). Toda a idéia nova é aquela que contraria a primeira verdade, não aceitando a sistematização segura e a ingenuidade enlouquecida da regularidade. “Todo o método regular deixa de ser um método de descoberta para ser um método de ensino” (p. 136), e devemos tratar nossos estudos e discursos sobre o método como um primeiro passo que define a seriedade das investigações, mas que, em momento algum, seja esse o anúncio da originalidade.

A reorganização do método não é a substituição da racionalidade pela ausência de sentido, mas é a manifestação da crise como fundamento do conhecimento, que é produto da audácia e não do medo. *“É perfeitamente possível assinalar um método que se desgasta, um método que, em contradição com a etimologia da palavra não anda. Mas a condenação de um método equivale de imediato, na ciência moderna, à proposição de um método novo, de um método jovem, de um método de jovens” (p. 138). A crise é o elemento essencial para a dessingularização dos acontecimentos da vida social e cotidiana, que somente permite a intromissão de um investigador se este conseguir conviver com as contradições que podem indicar mais facilmente o caminho para a originalidade.*

As análises sobre a vida social comportam, segundo Lucien Goldmann (1984), elementos de distorção, devidos à ação dos atores sociais como integrantes dos campos de investigação, e isso é traduzido por turbulências metodológicas que não devem ser negligenciadas no processo. É possível fazer pesquisas levando-se em conta que, segundo o autor:

(...) uma das tarefas mais importantes para qualquer investigador sério nos parece residir no esforço para conhecer e dar a conhecer aos outros as suas valorizações indicando-as explicitamente, esforço esse que o ajudará a atingir o máximo de objetividade subjetivamente acessível no momento em que escreve, e que, sobretudo facilitará a outros investigadores, a trabalhar numa perspectiva mais avançada e que permita uma melhor compreensão da realidade, a utilização e superação dos seus próprios trabalhos (p. 25).

A multiplicidade dos olhares é uma condição de sustentabilidade das Ciências Sociais, em tempos de crise. Se o conceito de crise comporta alguma definição objetiva, ou categorizável, ela deve conter o antagonismo e a conflitualidade como princípio organizador, pois, segundo Morin, temos de conceber a sociedade como sistema capaz de ter crises, quer dizer, como sistema complexo comportando antagonismos.

Assim é que Edgar Morin (1984) concebe o trabalho de investigação. Segundo ele:

Seria excessivamente cômico, em especial para um sociólogo, imaginar a sociologia como uma ciência pura, separada dos interesses e das pressões sociais, imaginar uma sociologia de certo modo desligada das realidades sociológicas. (...) Isto significa igualmente que neste mundo em crise seria in-

concebível que os sociólogos fossem precisamente os que se desviam dessa crise, sem dúvida para melhor se consagrarem a monografias sobre as regiões mais calmas da atualidade. A sociologia seja em que nação for, também tem de ir até as zonas de inconsciência e de falsa consciência, de erros e de horrores, onde a atualidade se joga, e que se dão a conhecer, com toda certeza, pela cintura de sagrado e de tabus que as rodeiam (p. 7).

Se a “ordem” social comporta uma clivagem analítica, a tarefa do investigador é a de não só tornar a multifacetada realidade mais transparente como analisar suas possibilidades de permanências e transformações. Segundo Morin (1984, p. 48), uma pesquisa em verdadeiro desenvolvimento não se limita a verificar hipóteses e, por esse motivo, a metodologia não pode impossibilitar a aceitação do caráter fragmentário das informações, “*a sociedade não pode se reduzir a um traço dominante(...) ela não é só capitalista, ou só liberal, ou só industrial, ou só de consumo, etc. São tudo isso ao mesmo tempo. Devemos defini-la sobretudo de maneira polinuclear ou policêntrica*”.(p. 57)

E isso se torna cada vez mais evidente quando vemos discursos e análises panfletárias que, atualmente, reduzem a condição educativa ao argumento neoliberal. Em suma, por ingenuidade ou por mercantilismo, se ressuscita Leviatã com seu manto menos qualificado e mais ilusório. Mas como diz Marx, se essa história se repete, sabemos que a tragédia foi novamente substituída pela farsa. *Acho grotescos os sociólogos que situam todo o ato ou ator social unicamente na sua classe, na sua cultura, no seu locus, no seu habitus, exceto eles mesmos, que ocupam um trono extratemporal e supra-espacial* (Morin, 1984, p. 57).

Norbert Elias (1980), partindo de conceitos como configurações sociais, processo civilizador e teias humanas, considera que uma das tarefas das pesquisas em Ciências Sociais é a de tornar mais transparentes a opacidade das teias entrecruzadas de relações formadas pelas pessoas, impedindo-as de serem arrastadas por sistemas sociais de modo cego e arbitrário. Elias parte do pressuposto de que os grupos que pensam de um modo científico são aqueles que geralmente criticam ou rejeitam as idéias dominantes aceitas pela maioria da sociedade e, por esse fato, é fundamental que critérios tais como “verdadeiro” ou “falso”, “certo” ou “errado”, decisivos na filosofia tradicional de ciência, se desloquem do centro para a periferia da teoria da ciência.

Essa é a condição para se romper com o *absolutismo filosófico* e com o *relativismo sociológico* presentes, em grande parte, nos trabalhos de investigação que, por sinal, nos querem seduzir falando de uma “verdadeira ciência” e de um “verdadeiro método”. Segundo Elias, “*a complexidade de muitas teorias sociológicas modernas deve-se não à complexidade do campo de investigação que elas procuram elucidar, mas ao tipo de conceitos usados. Estes podem ser conceitos que ou já provaram a sua validade noutras ciências, geralmente nas ciências físicas, ou não se adequam de modo algum à investigação de relações funcionais especificamente sociais*” (p. 121).

A premissa principal de Elias sustenta que é equivocado supor que a transição para tipos científicos de conhecimento depende essencialmente de uma mudança para a utilização de um determinado método de investigação. A idéia de que podemos descobrir um método ou um instrumento conceitual independentemente do modo como concebemos o objeto principal cujo conhecimento se pretende alcançar, é produto da imaginação filosófica. O que ocorre é uma necessária interdependência funcional de desenvolvimento entre concepção teórica e método, porque de nada vale uma observação sistemática se não tivermos uma idéia significativa do campo de investigação.

Elias argumenta que a investigação social deve considerar a autonomia relativa da sociedade, onde os objetos e intenções muitas vezes escapam a nossa lógica funcional, fruto de nossa formação através das ciências naturais. É assustador, diz Elias, “*compreendermos que formamos interconexões funcionais no interior das quais muito do que fazemos é cego, sem finalidade e involuntário. É muito mais reconfortante acreditarmos que a história — que é sempre a história de sociedades humanas particulares — tem um significado, um destino, talvez mesmo uma finalidade*” (p. 62). Em resumo, primeiro: teoria, objeto e método de um campo de investigação são construídos resguardando a autonomia relativa que possuem *vis-à-vis* a outros campos de investigação; segundo: é somente através do estudo das interdependências individuais e a estrutura das sociedades ou das configurações inter-relacionais que poderemos compreender as ações e, terceiro: as Ciências Sociais devem, segundo Elias, “*manter um contato estreito com os resultados práticos,(...) temos que voltar as costas às regras restritivas do estudo filosófico da ciência, e considerar as ciências como objeto de uma investigação teórica e empírica*” (p. 64-65).

Elias acredita que é hora de deixarmos de considerar, como faz a ciência tradicional, que tudo aquilo que muda constantemente é efêmero, menos importante, menos significativo e por esse motivo menos válido. E, o que é muito pior, os investigadores sociais, para manterem seu reconhecimento como cientistas, exercem uma espécie de *consenso de silêncio* sobre os métodos que realmente utilizam, divulgando somente aqueles que o *estatuto científico* autoriza. “*Uma reflexão breve e desprovida de preconceitos sobre este tema mostra-nos que só podemos relacionar o movimento com o movimento e a mudança com a mudança. Esta idéia pode levantar certa inquietação*” (p. 124). Mas é essa inquietação que deve interessar ao pesquisador e à pesquisa, a sua processualidade está intrinsecamente ligada a uma trama de relações reificadas pela imutabilidade, que pode ser denunciada pelo movimento de suas conexões.

Partindo do que expomos acima, mais a afirmação de Paul Feyerabend (1988) de que: “*no hay ningún “método científico”, no hay ningún único procedimiento o conjunto de reglas que sea fundamental em toda investigación y garantiza que es “científica” y, por conseguinte, digna de crédito*”. E de que: “*todo proyecto, teoría o procedimiento há de ser juzgado por sus propios méritos y de acuerdo com criterios que se adecuen al proceso em cuestión*” (p. 114);

colocamo-nos o problema da operacionalidade de uma investigação que, além de embrenhar-se na volatilidade das configurações sociais, não perca de vista a finalidade de tornar estas configuração mais transparente, no sentido de pôr em jogo a sua própria constituição.

Certamente não temos o objetivo *de criar um mistério para resolver outro mistério*. Ao contrário, acreditamos que o investigador social deva ter um compromisso sério e responsável com a sociedade em que está inserido e que, sendo ele mesmo um ator social, não pode afastar-se de si mesmo a ponto de perder de vista o próprio dever. Para assumir as suas tarefas, o investigador necessita estar livre, o quanto possível, das imposições do *espírito de corpo* das ciências tradicionais — romper sem esquecer, transgredir sem negar — em suma, devemos baixar as pontes levadiças dos nossos castelos.

Elogio ao argumento

*A toda hora rola uma estória
Que é preciso estar atento
A todo instante rola um movimento
Que muda o rumo dos ventos
Quem sabe remar não estranha
Vem chegando a luz de um novo dia
O jeito é criar um novo samba
Sem rasgar a velha fantasia.
(Paulinho da Viola)*

Seguir a rigidez de um método é um ato de fé que, segundo H.L.Mencken, pode ser definido como *a crença ilógica na ocorrência do improvável*. Mas, para nos despojarmos dos atos de fé, emanados e prometidos nas capela e nas igrejas do conhecimento, é necessário um conselho: *si vis pacem, para bellum* (se queres paz, prepara-te para a guerra), isto é, antes de entrar em guerra é prudente fazer os necessários preparativos para a defesa.

A preparação da defesa exige um conhecimento claro do adversário; e, nas nossas lutas, sabemos que não é tarefa fácil nos livrarmos da caixa preta contida na arquitetura da ciência ortodoxa. Muitos autores vêm questionando a necessidade ferrenha de validação dos cientistas e das pesquisas académicas através do submetimento dos resultados à lógica da ciência tradicional. Embora o conceito de verdade nas Ciências Sociais, pelas próprias características do seu objeto, esteja sofrendo duros revezes, isso parece somente ocorrer na literatura e no discurso académico. Não raras vezes somos colocados frente a frente com uma crítica voraz sobre o método que pretende dar cobertura ao objeto de investigação.

A tese que queremos levantar aqui é a de que a metodologia que empregamos nas pesquisas sociais não pode ser definida ao mesmo tempo em que defi-

nimos o objeto das pesquisas. Se o conhecimento científico deve ser construído, ao invés de montado ou fabricado, o que temos de fazer é uma consistente construção do argumento em favor do objeto.

Uma investigação deve necessariamente ser sustentada por um problema bem definido — sem problema não existe pesquisa — e este é construído pelos *argumentos de existência* que possui através da historicidade, regularidade, consistência, composição, dependência e relações, bem como de suas inconsistências, contradições, erros, parcialidades e volatilidade. Propomos o primado da presença total do objeto como centro distributivo, definindo o tipo de exploração aceitável, onde a metodologia se transforma em relatório de trajetória, o que torna transparentes as negociações que o argumento propõe em relação às possibilidades do objeto.

Partindo da premissa de que o problema das pesquisas não está no método, mas, sim, na construção do objeto, tendemos novamente por nos enterrar em *devaneios* que nada têm a ver com as provocações de Bachelard. A linguagem, impressões, representações e cotidiano provocam o nosso discernimento entre o que é o senso comum, pensamento pré - científico e o pensamento científico.

“Os fatos não falam”, isto é, não podemos nos subordinar ao fato pelo fato; ele, a princípio, não nos diz nada, apenas manifesta a sua existência empírica, como produto de manifestações aparentemente *naturais*. Becker (1993) alerta que: “o investigador tem que primeiro se certificar de que o evento realmente é o que parece ser, e depois delinear suas possíveis implicações teóricas” (p. 124). Os eventos/fatos não são conjuntos equilibrados de acontecimentos, orientados por regras que podem ser compreendidas por mecanismos endógenos. O que parece ser aos nossos olhos, pode ser apenas o início de uma complexa rede de problemas prontos para se apresentarem, assim que batemos a sua porta.

A construção do objeto é possível pela apresentação inteligível do evento/fato, entendendo inteligível não como produto da “*razão arquitetônica, mas sim da razão polêmica*” Não é raro lermos teses e dissertações impecáveis, bem fabricadas e seguindo todos os *passos* necessários a um bom trabalho científico. Também não é raro lermos esses mesmos trabalhos e no final chegarmos à conclusão de que nada, ou quase nada, foi acrescentado de novo, a não ser uma variação de *impressões* sobre temas já amplamente explorados. As investigações devem ser úteis não pela diversidade de locais em que são realizadas, mas, sim, pela singularidade com que o objeto as apresenta na rede de relações em que está inserido.

Nesse sentido, nos parecem pertinentes os requisitos da pesquisa científica, apontados por Eco (1984): 1) *a pesquisa científica debruça-se sobre um objeto reconhecível e definido de tal modo que seja igualmente reconhecível pelos outros*; 2) *ela deve dizer sobre este objeto coisas que não tenham já sido ditas ou rever com uma ótica diferente coisas que já foram ditas*; 3) *deve ser útil aos*

outros e 4) *deve fornecer os elementos para a confirmação e para a rejeição das hipóteses que apresenta e, portanto, deve fornecer os elementos para uma possível continuação pública*. Neste último item é que deve ser explicitada a metodologia utilizada na investigação, depois de chegarmos ao fim do nosso trabalho. Definir *toda* a metodologia antes significa impedirmos que os erros e as contradições, mediante nossa aproximação, atuem como reorientadores do problema teórico em relação ao objeto.

A construção do objeto — exercício da criatividade — nos conduz novamente a Édipo, que derrotou a esfinge mas arrumou um problema muito maior: casou-se com a própria mãe e virou pai de seus irmãos. A solução de um problema pode nos levar a desafios mais complexos. Se metodologia é algo que podemos, *a priori*, deixar de lado, a responsabilidade com a apresentação do objeto é crucial.

A construção do objeto depende, necessariamente, de uma auto-avaliação sobre nossa condição de pesquisador, estimando a responsabilidade com que tratamos as teorias, e a condição com que nos *apossamos* do objeto para “decifrá-lo”. Quando nos propomos a estudar *realidades e possibilidades*, não podemos esquecer que estamos lidando com resistências, com um mundo de representações e ideologias que constituem e comprometem, invariavelmente, a própria condição do pesquisador.

Em resumo, estamos mergulhados em nossas circunstâncias de pesquisa e não podemos fazer como o Barão de Münchhausen que, atolado com seu cavalo num pantanal, puxou-se pelos próprios cabelos para sair, ele e seu cavalo, do pântano. O que nos pode salvar desse lodo é a apresentação de um objeto *clean*, que se apresente com todas as suas certezas e vacilações, possuindo para isso:

1º - *argumentos reveladores de que o problema que estamos propondo está circunscrito nas preocupações da sociedade, e que são possíveis construções teóricas que afirmem ou reformulem proposições anteriores*. Infelizmente, nessa questão, estamos substituindo a criatividade pela citação. Os trabalhos de pesquisa enveredaram por uma procura de legitimação da palavra, e somos submetidos, constantemente, a encontrar/citar algum pensador *famoso* ou *da moda*, que tenha escrito o que pensamos. Caso nos neguemos a este procedimento, as bancas examinadoras, principalmente aquelas que já leram tudo e todos, podem nos levar a um vexame, por não termos lido *toda a produção científica* sobre o assunto — para esses, o pensamento original não é filho da reflexão, mas da cópia que autoriza a pensar.

2º - *evidências que permitam anunciar que o objeto apresenta possibilidades de se mostrar mais transparente em meio à rede de relacionamentos e cadeias de interdependências, e que essa nova visibilidade tenha o objetivo de tornar mais clara a realidade social opaca, facilitando as possibilidades de transformação*. O modo como a realidade social é entrelaçada nas configurações sociais pode ser compreendida se conseguirmos torná-la, o quanto possível, aberta ao conhecimento e longe da aproximação ingênua, pré-científica e

ideologizada. As condições de transformação de uma dada realidade não podem prescindir da apresentação de suas possibilidades, internas e externas, de mudança e, portanto, do enfrentamento com as tensões e conflitos que possui.

3º - *problemas que possuam relevância teórica e empírica, respeitando ao máximo a qualidade das hipóteses e a descrição do campo, ressaltando o quanto estamos em condições de explorar as interdependências para a descoberta das relações previamente desconhecidas que esses problemas contêm, transformando-as em mapas ou modelos sociológicos visualizados no tempo e no espaço. Não podemos rasgar a velha fantasia.* A sociedade é reconhecida como tal pelas suas invariâncias, pelas estruturas do cotidiano e pela sua estabilidade. Essas características foram e são amplamente estudadas pelos investigadores, que devem prosseguir o seu trabalho, não para que a ciência continue a ser o que é, mas, sim, pelas possibilidades de renovação. A relevância de uma pesquisa é diretamente proporcional ao nível de consistência teórica e à intensidade com que potencializa uma transformação da ordem.

Por certo, os que tiveram a oportunidade e a paciência da leitura, devem ter claro que, em momento algum, este estudo deverá servir de modelo ou método para garantir uma “boa” ciência; mas também não é uma aventura. A ciência ideal deve ser construída para dar conta dos problemas que nos são colocados pela sociedade. Tornar o cotidiano estranho é a tarefa central do cientista para melhor compreendê-lo. Creio que Brecht não estava longe da verdade quando afirmava que *“os tempos mudam, felizmente, para os que não sentam em mesas de ouro. Os métodos se gastam, os estímulos falham. Novos problemas surgem e exigem novas técnicas. A realidade se modifica: para representá-la, é necessário modificar também os meios de representação. Nada surge do nada: o novo nasce do velho, mas é justamente isso que o faz novo* (p. 119).

Conversas e propostas sobre a ciência moderna — ou a ciência destes em tempos pós-modernos, como querem alguns — estão longe de se esgotarem em artigos, livros ou discursos acadêmicos. Para que a ciência coabite com as suas condições históricas de produção, deve estar aberta à discussão e ao diálogo, sem preconceito, eliminando-se, a princípio, os velhos títulos e as rezas de ocasião, que tanto protegem a academia e alguns homens da ciência.

O discurso propõe que é hora de transformar, e tal empreitada não é tarefa fácil, se não desmistificarmos a tradição, arrogância e o medo. Sim, vamos entrar em devaneios, vamos voar, mas seguindo o conselho que Dédalo deu a Ícaro, pois toda controvérsia enfrenta muito mais do que a boa vontade; enfrenta, na realidade, a razão, a finalidade e o significado da nossa própria legitimação. Quem sabe não se descubra que estamos solenemente equivocados sobre nós mesmos e nossas crenças?

Referências Bibliográficas

- BACHELARD, Gaston. *A epistemologia*. Lisboa: Edições 70, 1981.
- _____. *A psicanálise do fogo*. Lisboa: Litoral, 1989.
- _____. *Fragmentos de uma poética do fogo*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BECKER, Fernando et alii. *Apresentação de trabalhos escolares*. Porto Alegre: Multilivro, 1990.
- BECKER, Howard S. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- BOURDIEU, Pierre et alii. *El oficio de sociólogo: presupuestos epistemológicos*. México: SigloXXI, 1981.
- ECO, Umberto. *Como fazer uma tese em ciências humanas*. Lisboa: Presença, 1984.
- ELIAS, Norbert. *Introdução à sociologia*. Lisboa: Edições 70, 1980.
- FAYERABEND, Paul. *La Ciencia en una sociedad libre*. México: SigloXXI, 1988.
- GOLDMANN, Lucien. *Epistemologia e filosofia política*. Lisboa: Presença, 1984.
- MARX, Karl. *Contribución a la crítica de la economía política*. Madrid: Comunicación, 1978.
- MORIN, Edgar. *Sociologia: a sociologia do microssocial ao macroplanetário*. Lisboa: Europa-América, 1984.
- PESSANHA, José Américo. Filosofia e modernidade: racionalidade, imaginação e ética. *Cadernos da ANPED*. Porto Alegre: N°4, p. 07-36, 1993.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 1991.

João Paulo Pooli é Profesor Adjunto do Departamento de Sociologia da Universidade de Caxias do Sul.

Endereço para Correspondência:

Rua Olavo Bilac, 153
95700-000 – Bento Gonçalves – RS
E-mail: jpooli@pro.via-rs.com.br